



Artigo original

O EXERCÍCIO DE MÚLTIPLOS PAPÉIS SOCIAIS POR MULHERES-ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS DO REGIME PÓS-LABORAL: um estudo na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane

Cristina Anina Dias Siquela e Arlindo A. Siteo

Faculdade de Educação, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

“A multiple personality is in a certain sense normal.”

George Herbert Meadⁱ

RESUMO: As mulheres têm desempenhado cada vez mais papéis na sociedade. Este facto verifica-se igualmente em mulheres-estudantes do regime pós-laboral, porquanto muitas delas exercem muitos outros papéis sociais ao longo dos anos da sua formação académica. Face a tais constatações, foi concebido e realizado o presente estudo, com vista a: (a) conhecer os múltiplos papéis sociais de estudantes universitárias do regime pós-laboral da Faculdade de Educação da UEM (FACED), e (b) compreender as estratégias de conciliação desses papéis com o de estudante universitária. Foi empregue o método etnográfico, de natureza qualitativa, numa abordagem descritivo-exploratória. Uma entrevista semi-estruturada e um questionário sócio-demográfico foram os instrumentos de colecta de dados do estudo. Estes instrumentos foram administrados a uma amostra de 15 estudantes do sexo feminino frequentando cursos do regime pós-laboral na FACED, apuradas por via de uma amostragem não probabilística, por tipicidade, e obedecendo ao critério ‘bola de neve’. Os dados foram analisados e interpretados a partir da análise de conteúdo. Os resultados confirmaram que as mulheres-estudantes exercem múltiplos papéis em função dos significados a eles atribuídos. Por outro lado, o estudo permitiu concluir que, preferencialmente, elas usam estratégias de conciliação de múltiplos papéis sociais que, à luz da ‘Teoria do *Coping*’, são interpretáveis e categorizadas como estando baseadas em “recursos pessoais” e “suporte social”.

Palavras-chave: *Coping, estudante universitária, papéis sociais.*

THE EXERCISE OF MULTIPLE SOCIAL ROLES BY FEMALE UNIVERSITY STUDENTS ATTENDING EVENING CLASSES: a study at the Faculty of Education of the Eduardo Mondlane University

ABSTRACT: Women have been playing more social roles in society. This fact can be observed in many women groups, including those that attend evening classes, who, apart from being students, still have many other social roles. From these observations, this study was conducted with the following aims: (a) to identify the main social roles played by female university students that attend evening classes; and (b) to understand the strategies used by those students to conciliate their multiple social roles with the role of university students. Building on qualitative data collection and descriptive-exploratory approach, the study was developed under the ethnographic methodology. A semi-structured interview and a social-demographic questionnaire were administered to 15 female students, selected throughout a non-probability sampling, based on purposive and snowball criteria. Data analysis was attained through the Content Analysis technique. The findings confirm that female university students do play multiple social roles according to the roles’ attributed means. On the other hand, the study reveals that, preferably, the strategies used by those students to conciliate their multiple social roles are based on personal resources and on social support, as described by the coping theory.

Keywords: *coping, university student, social roles.*

Correspondência para:(correspondence to:) cristinadias5@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo é baseado no estudo realizado pela autora principal em 2017, para obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia, no qual se procurou saber como as estudantes do regime pós-laboral conciliam os seus múltiplos papéis sociais com a sua vida académica. Os papéis sociais desempenhados pela mulher foram e são construídos e consolidados ao longo da História, constituindo padrões de comportamento que se modificam de tempos em tempos, em maior ou menor escala (SOARES e CARVALHO, 2003). Um dos papéis que tende a se destacar na contemporaneidade é o de estudante universitária. Em Moçambique, em outros países de África, e não só, o número de mulheres que aderem ao ensino superior tende a aumentar, apesar de elas ainda constituírem uma minoria nesse nível de ensino. No caso específico de Moçambique, e segundo a projecção então feita para 2012 pelo Instituto Nacional de Estatística, do universo de 23,700.715 milhões de habitantes, apenas 123. 779 indivíduos eram estudantes do ensino superior, dos quais 74.861(60.5%) eram homens e 48.918 (39.5%) eram mulheresⁱⁱ (ANTÓNIO e HUNGUANA, 2014).

A frequência do ensino superior por parte das mulheres, principalmente as que estudam no regime pós-laboral, regra geral, se sobrepõe ao desempenho de muitos outros papéis sociais, dadas as faixas etárias dessas estudantes (são, maioritariamente, maiores de 20 anos). Durante o dia, as estudantes dedicam-se a muitas outras actividades, enquanto de noite frequentam o ensino superior. Muitas das estudantes são mães, esposas, trabalhadoras e membros de organizações sociais. Assim, as estudantes deparam-se com a necessidade de conciliar diferentes papéis sociais com a sua vida académica. Esta multiplicidade de papéis por

parte de estudantes universitárias tem sido objecto de vários trabalhos científicos (por exemplo: estudo de Uripia & Sampaio, 2011, intitulado “Mães e Universitárias: transitando para a vida adulta”) e de cobertura jornalística por parte de órgãos de comunicação (os “média”). Visando observar e interpretar, a partir de um contexto específico, nomeadamente o da FACED, algumas das constatações teóricas e percepções correntes sobre o assunto, foi realizado o presente estudo, com os seguintes objectivos: (1) conhecer os múltiplos papéis sociais de estudantes universitárias do regime pós-laboral da Faculdade de Educação da UEM e compreender as estratégias de conciliação desses papéis com o de estudante universitária; mais especificamente, o estudo procurou – (2) identificar o *status* social e os principais papéis sociais de uma amostra de estudantes do pós-laboral da FACED da UEM; descrever as rotinas semanais das estudantes da amostra do estudo; e identificar as estratégias implementadas pelas estudantes para conciliar as actividades da vida académica com as impostas por outros papéis sociais seus.

O estudo foi operacionalizado através das seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais são os principais papéis sociais das estudantes universitárias do pós-laboral da FACED-UEM?
2. Quais são as principais rotinas semanais impostas a essas estudantes pelos seus outros papéis sociais?
3. Que estratégias são usadas pelas estudantes para conciliar as actividades impostas pelos seus múltiplos papéis sociais?

Papéis Sociais

O conceito de *papel* é abordado em diferentes ramos das ciências sociais, sendo

assim definido sob várias perspectivas (e.g. sociológica, psicológica, antropológica), e por diversos autores. Moreno (1978), fundador do teatro terapêutico (o psicodrama), define papel como sendo “a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objectos estão envolvidos” (p. 27). A partir deste conceito, percebe-se que “papel” consiste na manifestação do comportamento do indivíduo em presença de outras pessoas.

Para Moreno (1978), os papéis envolvem elementos individuais e sociais, e podem ser de diversos tipos, nomeadamente: psicossomáticos (desempenhados desde o início da vida); psicodramáticos (que correspondem à dimensão individual da vida psíquica) e sociais (que se prendem à dimensão da interacção social).

O termo “papel” é também definido por Shaw e Costanzo (apud Neto, 1998, p.99) como “a posição ou função que uma pessoa ocupa no seio de um determinado contexto social.” Nesta perspectiva, marcadamente sociológica, os autores referem que uma pessoa pode desempenhar simultaneamente vários papéis. Daí, uma mesma pessoa pode desempenhar os papéis de estudante universitária, de irmã, de namorada, e de jogadora de futebol. Pode-se então dizer que o comportamento apresentado por um indivíduo é motivado pelo papel que este desempenha nesse contexto específico.

Percebe-se, a partir das definições acima enunciadas, que falar de papel é tratar de aspectos inerentes à manifestação de comportamento em situações específicas, ou seja, daquilo que se incumbe ao indivíduo pelo contexto social no qual se encontra inserido.

Abordando de forma mais precisa o conceito de *papel social*, Goffman (2002, p. 24) define-o como sendo “a promulgação de

direitos e deveres ligados a uma determinada situação social”. Clarificando, Goffman (2002, p. 24), acrescenta que “podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo actor numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas”.

Teoria dos Papéis e suas Perspectivas

A teoria dos papéis tem a sua origem na concepção de papéis por autores gregos, no entanto, foi a partir dos trabalhos de George Herbert Mead (1913) que esta se tornou popular (NETO, 1998). Shaw e Costanzo (apud Neto, 1998, p. 99), referem que apesar de se usar o termo “teoria do papel”, não se trata de uma teoria única, em virtude de se constituir por uma rede de hipóteses e por um conjunto bastante amplo de constructos, designadamente fisiológicos, psicológicos, sociológicos e antropológicos. Daí, pode-se afirmar que a teoria apresenta diversas dimensões, em função do pensamento que caracteriza as diferentes áreas de conhecimento. O cerne desta teoria é o conceito de papel e a mesma considera que um único indivíduo pode desempenhar simultaneamente muitos papéis.

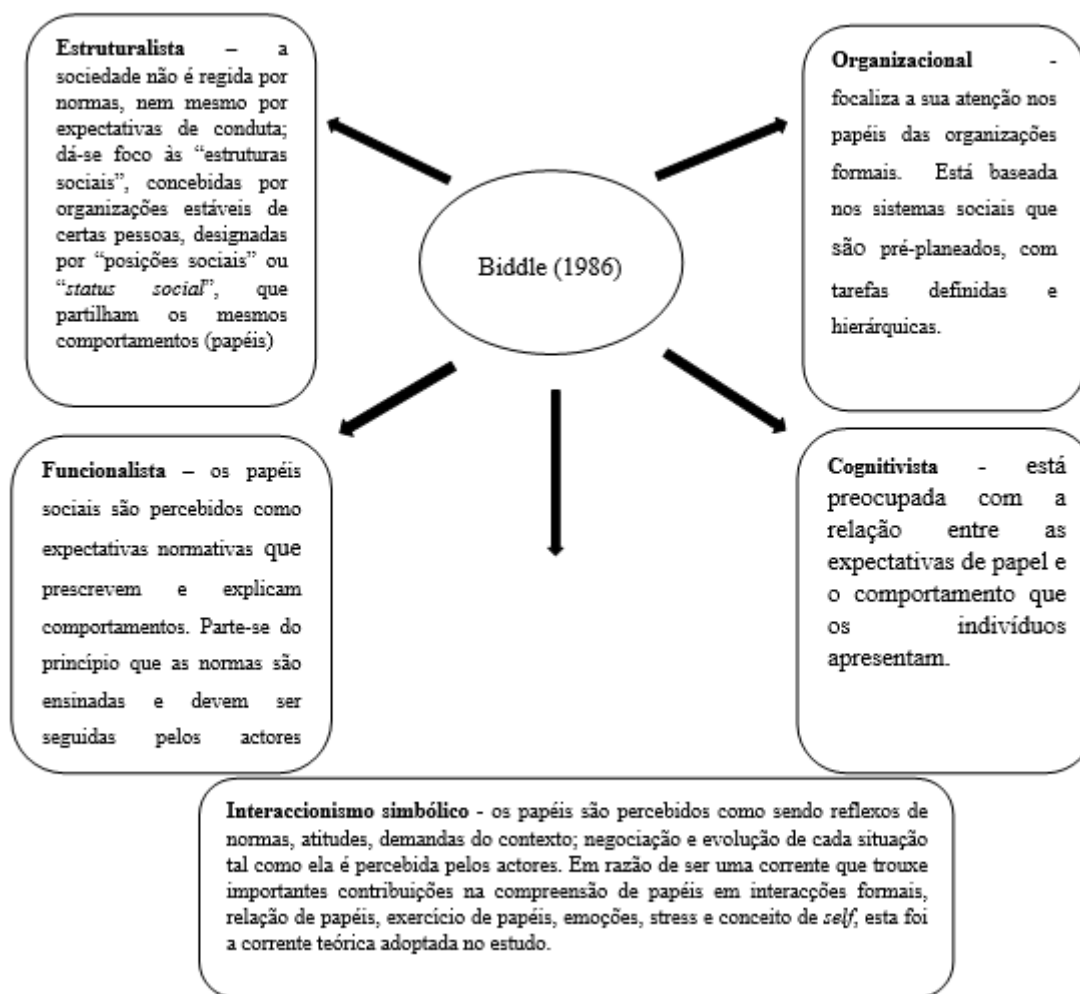
Os papéis são guiados por normas, que são expectativas mais generalizadas acerca do comportamento humano, internalizadas no decurso da socialização. Os teóricos desta corrente consideram que os papéis são desempenhados em interações sociais, ou seja, em que o indivíduo que desempenha o papel interage com quem o observa. A análise dos comportamentos individuais de forma isolada da sociedade não faz parte do interesse deste grupo de teóricos. Dá-se foco às redes sociais, considerando que o indivíduo é visto como sendo produto da sociedade em que vive e como alguém que contribui para essa sociedade. Esta teoria preconiza que o indivíduo é o que é em

função de como é formado pela sociedade em que vive, ou seja, salienta que a origem do comportamento humano está baseada na interação social com os seus semelhantes.

Na perspectiva da teoria dos papéis, quando um indivíduo desempenha vários papéis está sempre presente a possibilidade de uns

entrarem em conflito com os outros. Para Neto (1998, p. 100) “os conflitos de papéis ocorrem quando uma pessoa ocupa diversas posições com exigências incompatíveis (conflito interpapel) ou quando um só papel tem expectativas que são incompatíveis (conflito intrapapel)”.

Perspectivas da Teoria dos Papéis



Ser Estudante Universitária

A “estudante universitária” é vista no presente artigo, como a mulher, ou seja, o indivíduo do género feminino que se está a formar num curso superior. Desta forma, torna-se importante definir o conceito de género - refere-se às significações que as

sociedades e pessoas dão ao ser-se homem ou mulher, isto é, género é uma construção cultural sobre o que significa ser homem ou mulher (NETO, 2000). Além da dimensão social, o género apresenta uma característica relacional em virtude de ser no âmbito das relações sociais que se constroem os géneros (LOURO, 2014). Em suma, pode-se dizer

que o conceito de género engloba fundamentalmente três características: a social, a cultural e a relacional.

Apesar de as matérias de género e do feminismo não serem o foco deste trabalho, deve-se frisar que não basta que alguém seja do sexo feminino para ser designado por mulher. Com efeito, o determinismo biológico para se designar homem ou mulher é actualmente discutível, o que, aliás, já era corroborado por Simone de Beauvoir nas décadas 60 e 70 do Século XX ao afirmar que “todo o ser humano do sexo feminino não é, portanto necessariamente mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 7).

Em função das diferentes sociedades, os géneros masculinos e feminino apresentam características próprias, ou seja, cada sociedade identifica diferentes papéis para os indivíduos, em função do seu género. Papéis de género “referem-se às actividades com significado social em que os dois sexos participam actualmente com frequência diferente” (NETO, 2000, p.100). Por exemplo: Há mais homens que mulheres na construção civil.

Os papéis de género variam em função da cultura e da época. Actualmente, observa-se que as mulheres, com destaque às do meio urbano, têm marcado presença em algumas estruturas sociais, às quais não tinham acesso, tal é o caso da sua presença nas instituições de ensino superior. Na visão de Harvey (apud Dazzani e Faria, 2009), o século XX foi marcado por profundas mudanças em diferentes sectores da sociedade. Uma das transformações foi a entrada da mulher no mercado de trabalho e em outras esferas sociais, transitando assim do meio particular (familiar) para o meio público (social). No entanto, importa frisar que essa passagem não significou que a mulher tenha deixado de exercer os seus papéis tradicionais no seio doméstico, mas

que houve um acréscimo de papéis por ela desempenhados.

O crescente acesso ao mercado de trabalho por parte da mulher acontece num período em que esse mercado aposta cada vez mais na mão de obra qualificada. Como consequência, os índices de indivíduos (homens e mulheres) que ingressam nos diferentes níveis de ensino também disparam. No ensino superior, em particular, “todos os estudantes enfrentam dificuldades advindas da pressão académica, gestão do tempo, relacionamento interpessoal e independência, para citar algumas” (BARTMAN, 2015, p. 2). Este cenário torna-se mais complicado para as estudantes, pois, regra geral, elas exercem muitos outros papéis fora do contexto académico que, muitas vezes, constituem o foco das suas actividades diárias, tal como afirma Arendt (apud Dazzani e Faria 2009):

[...] a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo; ela é, em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo, com o fito de fazer que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo (ARENDT, 1997, p. 225 apud DAZZANI e FARIA, 2009)ⁱⁱⁱ.

Numa visão panorâmica sobre as mudanças da situação da mulher ao longo da história, observa-se quase em todo o mundo que à mulher era atribuído o papel de esposa zeladora e fiel, de quem se esperava que se preocupasse em preservar a sua sexualidade, mantendo-se virgem antes do casamento e, após este, dedicar -se totalmente ao lar (ser boa esposa e boa mãe). Entretanto, a mulher contemporânea saiu da “segurança” do lar e tem enfrentado o meio público, em busca de novas possibilidades. Desse modo, a mulher passou a desempenhar papéis que não desempenhava até meados do séc. XX (LOPES, DELLAZZANA-ZANON E BOECKEL, 2014).

Modelo de *Coping* de Folkman e Lazarus

Coping ou Processo de Ajustamento

O conceito de *coping* tem sido amplamente investigado em estudos relativos às diferenças de reação ao stress. Por essa razão, torna-se pertinente apresentar esta abordagem em virtude de se assumir que para conciliarem diferentes papéis sociais com o de estudante universitária, as estudantes do regime pós-laboral da FACED têm de empreender estratégias para lidarem com situações que possivelmente sejam desencadeadoras de stress.

O conceito de *coping* refere-se “ao conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptarem a circunstâncias adversas” (ANTONIAZZI *et al.*, 1998, p. 274). Em algum momento da vida, as pessoas enfrentam situações desencadeadoras de stress, tais como: a morte de alguém próximo; o divórcio; a pressão no sector de trabalho; uma doença crónica e a conciliação de muitas actividades.

Folkman e Lazarus (apud Antoniazzi *et al.*, 1998), propuseram um modelo focalizado na perspectiva cognitivista. Este modelo destaca alguns aspectos importantes sobre o *coping*: o carácter processual do *coping*; a interpretação cognitiva feita pelo indivíduo, com vista a atribuir significado a situação estressora; e a necessidade de encontrar estratégias de resolução do problema perturbador.

No processo de administração da situação estressora, as pessoas fazem o uso de alguns recursos, que determinam a vulnerabilidade e/ou a resistência do indivíduo aos efeitos adversos do stress. Beresford (1994), apud Antoniazzi *et al.* (1998), apresenta dois tipos de recursos: recursos pessoais – são constituídos por variáveis físicas e psicológicas que incluem saúde física, moral, crenças ideológicas, experiências prévias de *coping*, inteligência e outras

características pessoais; e recursos sócio-ecológicos – são os encontrados no contexto social do indivíduo e incluem relacionamento conjugal, características familiares, redes sociais, recursos funcionais ou práticos, e circunstâncias económicas.

Segundo Antoniazzi *et al.* (1998), a disponibilidade de recursos afecta a avaliação do evento estressor e determina o tipo de estratégia a ser usada pelo indivíduo. Por exemplo: numa situação em que uma estudante deve cuidar do seu bebé e terminar uma tarefa da faculdade, a ser apresentada no dia seguinte, a forma como ela reagirá a essa situação dependerá dos seus recursos. Por um lado, se ela já tiver passado por uma situação semelhante, isso se torna um recurso pessoal em seu favor. Por outro lado, se ela poder contar com a ajuda de mais alguém que possa cuidar do seu bebé enquanto ela termina a tarefa, estará a fazer uso de um recurso sócio-ecológico. A partir deste exemplo, percebe-se que a capacidade de administração de uma situação estressora é fortemente influenciada pela disponibilidade de recursos.

Estilos de *Coping*

O estilo de *coping* é definido por Carver e Scheier (1994), apud Antoniazzi *et al.* (1998, p. 282), como “a tendência a usar uma reacção de coping em maior ou menor grau, frente a situações de stress”. O estilo de *coping* corresponde as formas habituais de dar resposta a factores estressores específicos.

Em Antoniazzi *et al.* (1994) são destacados alguns estilos de *coping* relacionados a características de personalidade, nomeadamente: estilo do tipo A e B; estilo monitor e desatento; estilo passivo versus activo e estilo primário e secundário – o tipo primário lida com situações estressantes de forma objectiva; enquanto o tipo secundário tende a adaptar-se às situações de stress.

Estes últimos destacaram-se na pesquisa. Porém, de uma forma geral, verifica-se que há incidência de dois, apesar de apresentarem tipologias diferentes: o foco no problema e a evitação ou recusa em confrontar a situação estressante. Os diferentes tipos tendem, em situações específicas, a agir de uma certa forma, por essa razão serão abordadas, a seguir, as diferentes estratégias adoptadas pelos indivíduos quando confrontados com situações de stress.

Estratégias de *Coping*

As estratégias de *coping* referem-se às respostas usadas pelos indivíduos para enfrentarem uma situação de stress. Segundo Folkman e Lazarus (como citados em Antoniazzi et. al., 1998), estas estratégias podem variar de um momento para o outro, numa mesma situação de stress. Por essa razão, não se pode prever o tipo de resposta de um indivíduo numa determinada situação a partir do seu estilo de *coping*.

Para Folkman e Lazarus (como citados em Antoniazzi et. al., 1998), as estratégias de *coping* podem ser classificadas em dois tipos, dependendo de sua função:

- **O *coping* focalizado na emoção** – é um esforço para regular o estado emocional que é associado ao stress, ou é o resultado de eventos estressantes. A sua função é reduzir a sensação física desagradável de um evento estressante;
- **O *coping* focalizado no problema** – é um esforço empreendido para actuar na fonte de stress, com o objectivo de mudá-la. A função desta estratégia é alterar o problema existente na relação entre o indivíduo e o ambiente causador do problema.

A escolha do tipo de estratégia a ser usada dependerá de cada situação. Entretanto, os

autores deste modelo, afirmam que em situações avaliadas como modificáveis, o *coping* focalizado no problema tem sido mais empregado, enquanto o *coping* focalizado na emoção tende a ser mais usado quando a situação é avaliada como inalterável.

Anaut (2005), citando “Ionescu e colaboradores (1997)”^{iv}, acrescenta mais duas estratégias de *coping*:

- **O *coping* evitante** – que permite ao sujeito, através de estratégias passivas (evitamento, fuga, recusa, resignação, etc.), reduzir a tensão emocional;
- **O *coping* vigilante** – que permite, através de estratégias activas (procura de informações, de apoio social, de meios, etc.), enfrentar a situação para a resolver.

De uma forma geral, pode-se dizer que as pessoas tendem a ter um estilo próprio de *coping*, porém, dependendo da avaliação da situação estressante, bem como dos recursos que se têm a disposição, cada indivíduo tenderá a usar diferentes estratégias de *coping* ou de ajustamento à situação problemática. Essas estratégias podem variar de acordo com as necessidades do indivíduo diante de uma situação específica.

Teoria Psicossocial de George Herbert Mead: contribuições de Berger, Luckman e Stryker

George Herbert Mead (1863-1931) foi um intelectual que se notabilizou nas áreas de Filosofia, Sociologia e Psicologia Social (Souza, 2011). Foi, segundo Blumer (como citado em Carvalho et al., 2010) a partir dos estudos de George Mead que foram formulados os seguintes pressupostos:

- a) o ser humano orienta seus actos em direcção às coisas em função do que estas significam para ele –

compreende-se a partir desta ideia que o ser humano se engaja em certas actividades em função do que estas significam para ele. E importa realçar que o significado surge da forma como cada um interpreta uma determinada realidade;

- b) o significado dessas coisas surge como consequência da interacção social que cada qual mantém com o seu próximo – no processo de interacção existe uma partilha de significados entre os indivíduos que interagem. Numa determinada sociedade pode-se dar mais importância a certas actividades em detrimento de outras. Por exemplo: em regiões urbanas têm mérito de apreciação as mulheres que se engajam na educação formal. A adesão ao ensino superior ainda é uma prática que se verifica mais nas zonas urbanas;
- c) os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho – isto significa que os significados atribuídos à certos objectos, eventos ou actividades, não são estáticos, o indivíduo pode a qualquer momento, re-significar as coisas.

Berger e Luckmann (apud Souza, 2011) compartilham a ideia meadiana de que o sujeito, para pertencer a um determinado grupo social, deve compartilhar os mesmos valores e símbolos do grupo no qual se insere. Contudo, este sujeito mantém uma certa autonomia, ou seja, segue a colectividade, mas não deixa de ser um indivíduo único. No ambiente académico, o sujeito compartilha os direitos e deveres dos estudantes, e o mesmo acontece quando este se encontra em outros contextos, com outros

grupos sociais (como no meio profissional). Isto significa que um indivíduo poderá compartilhar valores de diferentes grupos sociais nos quais esteja inserido. Estes dois lados do sujeito são descritos por Mead como sendo partes constituintes do *self* (“eu” – autonomia do indivíduo e “me” – identificação do indivíduo com vários grupos sociais).

Stryker (apud Carvalho et al., 2010), entende que as pessoas constroem um *self* reflexo da sociedade e composto de múltiplas identidades, implicadas nos vários conjuntos estruturados de relações sociais. Percebe-se que em diferentes contextos de inserção de um sujeito, este tende a apresentar um *self* específico, isto é, o contexto dita a identidade/s a ser/m usada/s. Para Stryker, a escolha da identidade ou do *self* a ser usado é determinada em função do compromisso com o papel a ser exercido em cada actividade.

MATERIAIS E MÉTODO

O campo de estudo da presente pesquisa foi a Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, tendo como grupo-alvo a comunidade estudantil feminina do regime pós-laboral.

No que concerne à natureza do estudo, este é de natureza qualitativa, com recurso ao método etnográfico, na perspectiva de Michael Genzuk (2003) para quem a “etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de colher dados: entrevistas, observação e documentos” (FINO, 2008, p. 5). Os dados a serem recolhidos são geralmente de três tipos: citações, descrições e excertos de documentos. A partir dos dados recolhidos obtém-se a descrição narrativa.

Quanto à finalidade, o estudo classifica-se como pesquisa descritiva-exploratória. Este

tipo de pesquisa tem como objectivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2008). O presente estudo é assim classificado por estar baseado na compreensão de um fenómeno social, a partir da descrição de experiências de vida das estudantes universitárias que exercem múltiplos papéis, porém, têm também uma vida académica. O seu carácter exploratório está no facto de se estar a abordar uma área pouco pesquisada, significando que este estudo pode ser um ponto de partida para estudos mais aprofundados.

Participaram do estudo 15 mulheres, estudantes de cursos de licenciatura do regime pós-laboral da FACED, nomeadamente os cursos de Organização e Gestão de Educação, Psicologia Organizacional, Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais, Psicologia Social e Comunitária, e Educação Ambiental. O nível universitário das participantes variava do 1º ao 5º anos e as suas idades situavam-se entre 24 e 49 anos. Elas são, na sua maioria, trabalhadoras dos sectores privado e público. No que diz respeito à zona de habitação, constatou-se que todas residem em bairros dos arredores da cidade de Maputo e usam transporte público para se dirigirem aos seus locais de trabalho e à faculdade (com excepção de uma minoria que usa transporte próprio). Todas professam a religião cristã.

As participantes foram seleccionadas a partir da amostragem não probabilística por tipicidade ou intencional. Este tipo de amostragem consiste em seleccionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população. Sua principal vantagem reside nos baixos custos da sua selecção (Gil, 2008).

Para além da amostragem intencional ou por

tipicidade, foi igualmente usada a amostragem em bola de neve. Esta é definida por Vinuto (2014) como sendo “uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência” (p. 203). Neste estudo partiu-se de algumas informantes identificadas pela pesquisadora, que posteriormente indicaram outras estudantes que faziam parte da sua rede social e que tinham as características necessárias para a pesquisa.

O número de participantes foi determinado pelo ponto de saturação, o qual se atingiu quando as participantes traziam informações repetitivas em relação aos papéis exercidos e a conciliação destes com o papel de estudante.

A recolha de dados foi feita a partir de uma das principais técnicas da etnografia, a entrevista. Um questionário sociodemográfico foi igualmente administrado para a caracterização das participantes. Para a análise e interpretação dos dados foi usada a análise do conteúdo (AC). Segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 682),

[...] a maioria dos autores refere-se à técnica AC como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objectiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social (MUTTI, 2006, p. 682).

Para a recolha de dados, as participantes foram solicitadas a responder um questionário sociodemográfico e fazer parte de uma entrevista individual. A colecta de dados foi antecedida pela assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram realizadas nas salas da FACED, com a duração de 8 a 20 minutos. Estas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas pela pesquisadora, para facilitar o processo de análise e

interpretação dos dados. As categorias de análise dos dados foram definidas à luz da análise de conteúdo. E importa referir que houve observância aos compromissos éticos da elaboração de trabalhos científicos. Por um lado, foram respeitados os aspectos relativos à escrita do texto, desde a elaboração do projecto à redação do relatório da pesquisa. Por outro lado, houve cuidado em evitar malefícios às participantes do estudo.

RESULTADOS

As estudantes participantes do presente estudo foram, na sua maioria, unânimes em relação à razão da frequência de cursos no regime pós-laboral, com a excepção de duas que advogam situações circunstanciais e não necessariamente uma escolha. Para as estudantes que optaram pelo regime pós-laboral, a razão de tal escolha subjaz no facto das mesmas terem outras ocupações durante o período laboral, com destaque ao trabalho remunerado. No caso das informantes que ao ingressar no ensino superior ainda não exerciam nenhuma actividade remunerada, observou-se também, que havia perspectiva de, em algum momento, surgir um emprego durante as horas do laboral. Os trechos abaixo são exemplos das situações já descritas:

Hummm, o meu desejo mesmo era frequentar o ensino superior mesmo no período laboral, mas pelas ocupações, pelo, por causa do trabalho e também outras tarefas, optei pelo pós-laboral (E3, PENE^v, 4º ano, 31 anos)

Ummm...eu escolhi o pós-laboral porque...de início eu não trabalhava, nem, mas sempre tive a perspectiva de querer trabalhar, não só ser uma estudante. (E2, PO^{vi}, 4º ano, 24 anos)

No que concerne aos múltiplos papéis exercidos pelas estudantes destacaram-se os seguintes: mãe; esposa; crente; trabalhadora (remunerada) e membro de grupos de

xitiki^{vii}.

As tarefas acima enunciadas são realizadas em dois espaços, o privado ou doméstico e o social. Assim sendo, a rotina de muitas estudantes é baseada no trajecto trabalho-escola-casa, ou seja, primeiro as estudantes cumprem com o dever de trabalhadoras, de seguida o de estudantes e por fim, ocupam-se das tarefas que têm em casa (como esposas; donas de casa; mães). No depoimento que se segue evidencia-se a tríplice jornada:

[...] sinto-me obrigada a ter que me levantar cedo para conseguir sair a tempo. Mas, antes de sair de casa tenho que preparar, deixar alguns recados com os miúdos; preparar o meu esposo.... Então, tenho que diariamente, sempre quando acordo, preparo a roupa dele, preparo a minha, o banho e por obrigação ele tem que sair de casa enquanto tomou o pequeno almoço. [...] saio do serviço, despego as 16h. Começo a ter a minha primeira aula às 17:30. Então, faço uma caminhada de 25 minutos do meu serviço até à faculdade. Depois da aula vou directo para casa. [...] aos Sábados, é o Sábado do grupo de estudo. Domingo, faço...termino as tarefas de casa. Metade do dia é para terminar as tarefas de casa, uma limpeza geral... (E1, OGED^{viii}, 2º ano, 36 anos).

Por serem sujeitas ao exercício de múltiplos papéis sociais, as estudantes têm, em alguns momentos, de priorizar algumas tarefas em detrimento de outras. Assim sendo, o papel de estudante tem sido considerado prioritário, principalmente por ter um prazo pré-determinado para o término do curso (varia de 4 a 5 anos, dependendo do curso). Além disso, existe o agravante do pagamento de propinas, que serve de estímulo para que o curso seja concluído no tempo previsto. O trecho a seguir mostra o quão o papel de estudante tem sido priorizado:

A minha prioridade agora é escola independentemente de ser mãe, ser esposa, não sei o quê porque minha mãe, minha mãe não tem... minha mãe não tem nem ensino secundário. Não tem, ela só foi até 7a classe. Mas ela sempre nos meteu na cabeça que escola era tudo. (E14, PSC^{ix}, 5º ano, 32 anos)

Para a conciliação das diferentes tarefas as estudantes fazem uso de estratégias centradas nelas mesmas, assim como das condições do meio em que se encontram. Todas as estudantes reportaram conciliar a vida académica com os outros papéis sociais porque têm muita força de vontade para cumprirem os deveres dos seus papéis, tal como se pode observar no depoimento a seguir:

Estou no 5º ano, por acaso sem dever nenhuma cadeira. Porque eu...também é minha força de vontade, acreditar nas coisas e saber conciliar. (E10, EDA^x, 5º ano, 35 anos)

Para além da força de vontade pessoal, as estudantes afirmaram contar com a ajuda dos seus parceiros, filhos e familiares, em geral, e de secretárias (remuneradas), que cuidam da casa na sua ausência. Os depoimentos abaixo evidenciam a existência dos recursos usados:

dum tempo para cá, o marido também, prontos ele acaba fazendo aquele papel de mãe dos filhos porque ele cuida. Por exemplo acorda de manhã ele... Tenho um filho que entra às 6, os 2 filhos. Praticamente desde que entrei na faculdade, ele é que dá banho, dá papinha, leva à escola. Vai buscar, volta, dá jantar. Não estou. (E12, PSC, 5º ano, 39 anos)

[...]por um lado tenho a ajuda do meu filho mais velho que vai fazer 20 anos,[...] algumas actividades que eu tenho em casa, ele pega e faz por mim...ele é o meu suporte, a minha bengala. (E9, PO, 5º ano, 41 anos)

[...] procuro ajuda da diarista [...]. Pago aquilo que a gente negoceia e já está. Hee...procuro mesmo quando

estou apertada na faculdade. (E6, OGED, 3º ano, 30 anos)

DISCUSSÃO

A Adesão ao Ensino Superior no Regime Pós-laboral

Em Moçambique, o ensino superior no regime pós-laboral surge como uma possibilidade de responder à crescente demanda dos indivíduos que concluíram o ensino secundário, ou técnico profissional e desejam dar continuidade aos estudos. Parafraseando Langa (2012), pode-se afirmar que, apesar de contribuir para o surgimento de problemas de qualidade no ensino superior, o regime pós-laboral é de grande valia no que concerne ao alargamento de oportunidades de acesso ao ensino superior.

Nas diferentes falas das estudantes foi possível perceber que o recurso ao ensino no regime pós-laboral está fortemente relacionado ao exercício de actividades remuneradas, ou seja, ao exercício de uma profissão, durante o dia. Para as estudantes que já se encontram a desempenhar uma actividade durante o dia, a escolha mostra-se evidente. Mas verifica-se que mesmo para quem ainda nenhuma actividade remunerada desempenha, existe a perspectiva de assim o fazer. Então, o ensino superior no regime pós-laboral, para além de aumentar as possibilidades de acesso ao ensino superior, acomoda, igualmente quem já se encontra ocupada (ou pretende ocupar-se), durante o dia, com outras actividades.

Lima, Moreira e Silva (2011) referem que o sistema de ensino teve de moldar-se para poder acomodar as actuais exigências, em que as actividades diárias precisam ser realizadas em conciliação com os estudos. Assim sendo, a adesão ao ensino superior pode ser explicada pela possibilidade de o estudante exercer uma actividade remunerada durante os anos de graduação,

podendo custear as despesas do curso, pessoais e familiares (Filho, como citado em Lima et al., 2011).

Estudante Universitária: mais um papel dentre vários outros

Ser estudante universitária é um papel social acrescido aos vários outros papéis exercidos pelas informantes do presente estudo. Isto significa que, para além de cumprirem com os deveres de estudantes universitárias, as informantes vêem-se diante do cumprimento de deveres de outros papéis sociais, com destaque aos seguintes: mãe; esposa; crente; trabalhadora (remunerada) e membro de grupos de *xitiki*.

De forma geral, a mulher, sempre dominou o espaço doméstico. No entanto, actualmente, ela se encontra exposta a outros contextos e circunstâncias e, por consequência, tem a possibilidade exercer várias actividades, nos meios público e privado. Esta posição é defendida por Soares e Carvalho (2003), que referem que a mudança dos espaços de domínio por parte da mulher deve-se às transformações sociais e ao movimento feminista. Assim, a mulher passa a desempenhar papéis diferentes, saindo do meio privado (doméstico) para o meio público (social).

As mudanças a que se assiste em relação aos espaços explorados pela mulher demonstram um acréscimo de papéis a serem exercidos, e não simplesmente uma troca dos meios (doméstico para o privado). A mulher contemporânea, mormente a urbana, tem explorado cada vez mais as estruturas sociais da sociedade mas, apesar disso, ela ainda tem a responsabilidade de cuidar do espaço privado (família, filhos e tarefas domésticas), mesmo que não o faça pessoalmente.

A questão do exercício de múltiplos papéis pelas participantes deste estudo pode ser explicada a partir do pressuposto de Mead

(apud Carvalho et al. 2010, p.153) segundo o qual “o ser humano orienta os seus actos em direcção às coisas em função do que estas significam para ele”. Assim sendo, apesar de já exercerem muitas actividades, as participantes lançaram-se ao desafio de ingressar também, na carreira estudantil. Além disso, sobre as actividades exercidas, as informantes foram praticamente unânimes em destacar as mais significativas. Este facto evidencia que podem ser exercidos vários papéis, mas cada um tem um significado específico para quem os exerce.

A outra explicação que se pode destacar sobre o exercício de múltiplos papéis sociais é a descrita por Stryker, na sua abordagem sobre o *self*, como citado em Carvalho et al. (2010), segundo a qual o *self* das pessoas é construído como reflexo da sociedade, sendo compostos de múltiplas identidades. Assim, uma estudante universitária é mãe, é esposa, é *xitikeira*, ou seja, pode exercer qualquer outro papel em função do contexto no qual se encontra.

A rotina de muitas estudantes do pós-laboral desenrola-se nos espaços já citados, sendo que o espaço privado acarreta papéis no seio da família (mãe; filha; esposa) e o espaço social condiz aos papéis de trabalhadora (profissional; estudante; membro de congregação religiosa e de grupos de *xitiki*). Durante os dias úteis da semana destacam-se as actividades do espaço social. Entretanto, as actividades do espaço privado também devem ser concomitantemente exercidas.

Priorização dos Papéis Sociais Exercidos

O exercício de muitos papéis implica assumir várias responsabilidades e lidar com o tempo de execução de cada uma delas. Como nem todas as actividades podem ser realizadas ao mesmo tempo, as estudantes vêm-se obrigadas a privilegiar uma/s em detrimento de outra/s. Por um lado, identificam-se participantes que priorizam os

papéis exercidos no espaço privado e, por outro, encontram-se aquelas que destacam os papéis do espaço social. Neste último caso, os papéis de estudante e trabalhadora encontram-se interligados, sendo que a actividade remunerada torna possível custear as actividades académicas. Uma vez que o ensino no regime pós-laboral funciona a partir do pagamento de propinas mensais, as estudantes referem que esta actividade deve terminar em tempo útil.

Percebe-se que há priorização de determinados papéis num certo momento da vida das estudantes, o que condiz com o terceiro pressuposto da teoria de Mead, de acordo com o qual os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho. Então, isto explica que a priorização das actividades não é estática. Num dia podem ser priorizadas as actividades académicas e, no outro, o papel de trabalhadora pode tornar-se dominante.

O segundo pressuposto da teoria de Mead, pressupõe que o significado dos papéis exercidos surge a partir da interacção que o indivíduo tem com os outros. A partir desta ideia percebe-se que a priorização dos papéis também é influenciada pelo meio social no qual o indivíduo se encontra inserido. Assumindo que as participantes se encontram inseridas em diferentes meios sociais, pode-se dizer que o “eu” (a parte autónoma do *self*, descrita por Mead) de cada estudante torna-se bastante dominante em relação à priorização dos papéis sociais, isto porque recebem influências de diferentes meios sociais, tal como afirmam Berger e Luckmann (como citados em Souza, 2011). As pessoas compartilham os valores e símbolos do seu grupo de pertença. Porém, no fim prevalece o que elas considerem ser mais o importante.

Estratégias de Conciliação de Múltiplos Papéis Sociais

Exercer um papel social significa cumprir com certos deveres e tal situação se mantém quando os papéis são múltiplos. Nos seus depoimentos, as participantes reportaram ter dificuldades em conciliar várias actividades, e o cerne do problema é o factor “tempo”. Porém, apesar das dificuldades na conciliação de múltiplos papéis sociais, o certo é que as actividades são realizadas, mesmo que não seja em plenitude. Isto significa que para que, efectivamente, as actividades tenham lugar, as participantes encontram formas de conciliar todas as actividades que lhes são devidas. Fazendo alusão à teoria do *coping*, é possível identificar as estratégias usadas pelas participantes na conciliação dos seus múltiplos papéis com o papel de estudante.

Numa primeira fase, as participantes fazem uso dos recursos disponíveis para darem conta de todas as tarefas que têm por realizar. Observou-se que praticamente todas as participantes têm disponíveis os recursos pessoais que, segundo Beresford (apud Antoniazzi *et al.*, 1998), estão relacionados com as características pessoais do indivíduo. Pode-se dizer que a pessoa encontra em si mesma a força e a motivação para gerir múltiplos papéis sociais.

Para além dos recursos pessoais, as participantes fazem uso de recursos sócio-ecológicos, ou seja, aqueles que estão disponíveis no seu contexto social. De uma forma geral, os recursos que mais se destacam estão associados a: relacionamento conjugal; características familiares, e circunstâncias económicas.

Em situações “estressoras” os indivíduos tendem a exibir um determinado estilo de *coping* e certas estratégias para fazerem face ao problema que se lhes apresenta. No que diz respeito às participantes do estudo,

verificou-se que o estilo de *coping* primário e secundário, descrito em Antoniazzi *et al.* (1998), é o mais predominante entre as estudantes do pós-laboral. Isto porque algumas participantes mostram-se bastante objectivas em relação à gestão das dificuldades encarradas na conciliação de múltiplos papéis sociais com o papel de estudante e/ou adaptam-se à situação, como ilustra o seguinte depoimento:

Porque eu, eu entrei e disse "olha, o curso tem duração de 4 anos, não é possível fazer o curso em 4 anos? Ok, talvez mais uns 5 anos, mas é possível fazer as cadeiras todas em 4 anos. Porque não me empenhar, não me esforçar, apesar de eu ter outras actividades que não tem nada a ver com a escola. (E6, OGED, 3º ano, 30 anos)

No que diz respeito às estratégias de *coping* usadas, destacam-se a estratégia do *coping* focalizado no problema que, de acordo com Folkman e Lazarus (como citados em Antoniazzi *et al.*, 1998), é um esforço empreendido para actuar na fonte de stress, com o objectivo de mudá-la. Esta estratégia verifica-se em situações em que as estudantes priorizam algumas actividades, em detrimento de outras, o que significa que são feitos arranjos no sentido de conciliarem a vida académica com os outros papéis sociais.

A outra estratégia que mais se notabilizou entre as participantes é a estratégia do *coping* vigilante, descrito em Anaut (2005), como sendo aquele que permite, através de estratégias activas, enfrentar a situação para a resolver. As participantes fazem o uso deste tipo de estratégia a partir da procura de apoio social. Verificou-se que o suporte social é muito utilizado pelas participantes, com destaque ao auxílio do marido; de filhos e de secretárias. Assim sendo, as tarefas caseiras são muitas vezes partilhadas com outras pessoas que fazem parte do contexto social das participantes.

De uma forma geral, no que concerne às estratégias de conciliação de múltiplos papéis sociais com o papel de estudante universitária, pode-se afirmar que as estudantes fazem uso dos dois tipos de recursos existentes, pessoais e os sócio-ecológicos. E tendem a apresentar o estilo de *coping* primário e secundário, o que significa que enfrentam as dificuldades advindas de todo o processo de forma objectiva e que também se adaptam à situação respectivamente. No que diz respeito as estratégias de *coping*, estas tendem a usar a estratégia focalizada no problema, que significa que fazem arranjos que julgam ser necessários para que alcancem os seus êxitos na realização de todas as tarefas. Destaca-se, igualmente, a estratégia vigilante baseada no apoio social, o que leva a perceber que a existência de pessoas que proporcionem suporte social torna possível a conciliação dos múltiplos papéis com o papel de estudante universitária.

CONCLUSÕES

Este estudo, com o título “O exercício de Múltiplos Papéis Sociais por Mulheres-Estudantes Universitárias: Um Estudo na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane”, foi realizado com o objectivo de conhecer os múltiplos papéis sociais das estudantes universitárias do regime pós-laboral da FACED da UEM, e compreender as estratégias de conciliação desses papéis com o de estudante universitária. Os questionamentos que orientaram o estudo foram baseados no conhecimento dos papéis exercidos pelas estudantes^{xi} sua rotina semanal e estratégias de conciliação das actividades impostas pelos múltiplos papéis sociais. Assim, para que fossem respondidas as questões de pesquisa, foi necessário numa primeira fase, identificar o status social e os principais papéis sociais de uma amostra de estudantes do pós-laboral da FACED da UEM; e

posteriormente, foram descritas as rotinas dessas estudantes e identificadas as estratégias implementadas pelas estudantes para conciliar as actividades da vida académica com as actividades impostas por outros papéis sociais seus.

No que concerne aos principais papéis exercidos pelas estudantes os resultados revelam que há dois contextos que se destacam, por um lado, os papéis exercidos no espaço privado (doméstico), referindo-se concretamente aos papéis de mãe, esposa, dona de casa e, por outro lado, os papéis exercidos no meio público (social), que correspondem ao papel de estudante, crente de uma organização religiosa, trabalhadora (profissional) e membro de grupo de *xitiki*.

Para a realização das actividades referentes a cada papel exercido, verificou-se que a rotina semanal das participantes se resume ao exercício dos papéis de trabalhadora durante o período laboral e de estudante durante o período pós-laboral, durante os dias úteis da semana. Entretanto, durante os finais-de-semana, a maior preocupação subjaz sob as actividades domésticas, religiosas e de lazer (*xitiki*). Estas últimas não são realizadas em plenitude devido ao imperativo de realizar, individual ou colectivamente, trabalhos prescritos pelos docentes, na Faculdade.

O facto da mulher ser capaz de exercer múltiplas actividades num mesmo período da sua vida mostra que esta é composta por muitos “*me*”, ou melhor, que o seu *self* apresenta múltiplas identidades, tal como se advoga na Teoria de Mead. No entanto, esta Teoria não explica como gerir um possível conflito entre essas identidades, sendo esse facto uma limitação a mesma. Para perceber como as estudantes conciliam as actividades impostas pela vida académica com as actividades dos seus outros papéis, recorreu-se à Teoria do *coping*.

A partir da Teoria do *coping*, observou-se que as estudantes fazem uso, por um lado, de recursos pessoais, baseados na sua força de vontade em terminar o curso (motivadas por metas pessoais e pela questão financeira, subjacente à conclusão do curso), e ao mesmo tempo continuar a realizar os seus outros papéis, considerando que todos eles são importantes para uma mulher. Por outro, elas usam, igualmente, recursos sócio-ecológicos, baseados no apoio ou suporte social, com destaque à relação conjugal, ou seja, suporte do companheiro, apoio dos familiares (filhos e outros membros da família) e circunstâncias económicas (poder financeiro para contratar serviços de uma auxiliar doméstica).

Em relação às características de personalidade diante de situações estressoras, verificou-se que predomina o estilo de *coping* primário e secundário, o que significa que as participantes enfrentam as dificuldades de todo o processo de forma objectiva, fazendo os arranjos necessários para que todas as actividades correspondentes a cada papel tenham lugar. Além disso, as participantes criam mecanismos de adaptação ao stress que advém da gestão de múltiplos papéis.

No que diz respeito às estratégias de conciliação de múltiplos papeis, destacam-se o *coping* focalizado no problema, o qual está baseado num esforço para resolver as dificuldades enfrentadas no quotidiano das estudantes. Verificou-se que a priorização de algumas actividades é uma estratégia usada para que se alcance o êxito desejado pelas estudantes. Assim sendo, mesmo durante os finais-de-semana as tarefas inerentes à vida académica acabam sendo privilegiadas. Isto acontece porque as estudantes estão cientes da vantagem de concluir o curso em tempo útil. A outra estratégia empregue pelas estudantes é a vigilante, que é baseada no suporte social, características familiares e

circunstâncias económicas.

Concatenando, percebe-se que existe uma estreita relação entre os recursos usados pelas estudantes, seus estilos de *coping* e as estratégias por elas implementadas para que seja possível a conciliação das actividades impostas pelos seus múltiplos papeis com a sua vida académica. Existe em todos os aspectos a questão do esforço pessoal, assim como o suporte social que advém de seus contextos sociais.

REFERÊNCIAS

ANAUT, M. **A resiliência: ultrapassar os traumatismos**. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

ANTONIAZZI, A. S., DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de *coping*: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, v.3, n.2, p.273-298, 1998. Disponível em: www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf. Acesso em: 20/12/2016.

ANTÓNIO, E.; HUNGUANA, C. **Relatório do estudo sobre género no ensino superior em Moçambique**: estudo realizado em 2013. Maputo: DICES-MINED, 2014.

BARTMAN, C. C. African American Women in Higher Education: issues and support strategies. **College Student Affairs Leadership**, v.2, n.5, 2015. Disponível em: <http://scholarworks.gvsu.edu/csal/vol2/iss2/5>. Acesso em: 16/03/2017.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIDDLE, B. J. Recent developments in role theory. **Annual Review of Sociology**, v.12, p.67-92, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.so.12.080186.000435>. Acesso em: 20/11/2016.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto –**

Contexto Enfermagem, Florianópolis, v.15, n.4, p.679-84, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 20/03/2017.

CARVALHO, V. D.; BORGES, L. O.; RÊGO, D. P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.30, n.1, p.146-161, 2010. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11.pdf. Acesso em: 02/11/2016.

DAZZANI, M. V.; FARIA, M. **Família, escola e desempenho académico**. In: LORDÊLO, JAC. e DAZZANI, MV., orgs. Avaliação educacional: desatando e reatando nós. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 249-264. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wd/pdf/lordelo-9788523209315-12.pdf>. Acesso em: 06/11/2016.

FINO, C. M. N. A etnografia enquanto um método de entender as culturas (escolares) locais. In: Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.), **Educação e cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008, p.43-53. Disponível em: www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf. Acesso em: 02/11/2016.

GENZUK, M. A Synthesis of ethnographic research. *Occasional Papers Series*, University of Southern California, Los Angeles, 2003. Disponível em: http://bcf.usc.edu/~genzuck/Ethografic_Research.html. Acesso em: 10/01/2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LANGA, P. V. A mercantilização do ensino superior e a relação com o saber: a qualidade em questão. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, série:*

Ciências da Educação, Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, v. 1, nº 0, p.21-42, 2012.

LIMA, F. M.; MOREIRA, C. A.; SILVA, P. N. (2011). A difícil tarefa de académicos de curso nocturno em conciliar trabalho e estudo. **Revista Electônica da Univar**, v.6, p.51-56, 2011. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br/>. Acesso em: 03/03/2017.

LOPES, M. N.; DELLAZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**, v.22, n.4, p.917-928, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-18>. Acesso em: 02/04/2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1978.

NETO, F. **Psicologia social**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

NETO, F. **Psicologia social**. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

SOARES, J. d. S.; CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, “novos papéis”, velhas exigências: experiência da psicoterapia breve grupal. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.8, num. Esp. p.39-44, 2003.

SOUZA, R. F. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v.23, n.2, p.369-378, 2011.

TRINDADE, C. C. C. N. **“Xitiki é compromisso”**: os sentidos de uma prática de solidariedade da cidade de Maputo, Moçambique. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas –

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. **Mãe e universitárias: transitando para uma vida Adulta**, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 18/10/2017.

VINUTO, J. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Brasil-Campinas, v.22, n.44, p.230-220, 2014. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>. Acesso em: 12/02/2017.

NOTAS

ⁱ <https://www.inspiringquotes.us/author/1009-george-h-mead/page:2>

ⁱⁱRelatório Do Estudo Sobre Gênero No Ensino Superior Em Moçambique

ⁱⁱⁱ DAZZANI & FARIA, 2009, p. 250

^{iv} ANAUT, M. *A resiliência: ultrapassar os traumatismos*. 1ª ed. Portugal-Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

^vPsicologia Educacional e da Necessidades Educativas Especiais

^{vi}Psicologia Organizacional

^{vii}*Xitiki* - Palavra de origem changana (uma das línguas do sul de Moçambique), que se define como uma associação de poupança e crédito rotativo ou sistema financeiro informal; sistema de ajuda mútua, rede tradicional de solidariedade e entreajuda (De Vletter; Cruz & Silva, como citados em Trindade, 2015).

^{viii}Organização e Gestão de Educação

^{ix}Psicologia Social e Comunitária

^xEducação Ambiental

AGRADECIMENTOS

Endereçamos os nossos agradecimentos à Faculdade de Educação, pela oportunidade que nos concedeu de apresentar uma comunicação em torno deste artigo no 1º Encontro Nacional de Pesquisa Educacional. De forma particular, os agradecimentos vão à Comissão

Organizadora do evento, com especial referência ao Prof. Doutor Manuel Guro, pelo acompanhamento prestado em todas as fases de preparação do evento e da produção dos artigos.